

ESP 13.01.77
D. Thomás aponta causas de atritos

Do Correspondente e da Sucursal

Ao retornar de Roraima onde, no último sábado, a Funai interrompeu uma assembléia de chefes indígenas da qual participava, o presidente do Conselho Indigenista Missionário, bispo D. Thomás Balduino, afirmou em Goiânia que vê tornar-se "cada vez mais difícil o diálogo entre o Cimi e a Fundação Nacional do Índio, uma vez que esta fala a linguagem dos tecnocratas revestidos de poder policial, ao passo que o Conselho prefere a linguagem dos índios oprimidos, que buscam um instrumento próprio de superação dos seus sofrimentos".

Sobre as divergências entre o Cimi e a Funai, o bispo acentuou não se tratar de um conflito para saber qual das duas entidades tem o direito de prestar assistência ao índio. Observando que uma divergência nestes termos até que seria salutar, D. Thomás explicou: "O que existe é o fato do Cimi ser um órgão inteiramente voltado para o índio, enquanto a Funai é uma repartição do Ministério do Interior com objetivo de propiciar o desenvolvimento das grandes empresas, nacionais e multinacionais, do ramo agropecuário na região amazônica. E para tais empresas e a Funai, o índio acaba se constituindo num estorvo".

"A trágica situação dos índios não será resolvida com receitas elaboradas nos ricos gabinetes do órgão oficial, em Brasília, mas sim dando aos indígenas um espaço condigno para se encontrarem na busca conjunta do que melhor lhes convém, libertando-se do que os impede de sobreviver como cultura e como povo. Assim, os índios precisam se reunir livremente — com ou sem Cimi — porém livre da vergonhosa tutela

da Funai, que costuma se impor muito mais para impedir o crescimento do índio do que para livrá-los dos efeitos negativos das gananciosas frentes pioneiras ou das populações envolvidas" — disse o presidente do Cimi.

DENUNCIA

O delegado Regional da Funai em Boa Vista, José Carlos Alves, deu apoio a um fazendeiro da região, que obrigou alguns índios macuxis a trabalharem de graça em sua propriedade "por terem flechado um de seus bois". O fato foi revelado ontem, em Brasília, por membros do Cimi. Eles acrescentaram que, embora repelindo a acusação, o chefe da maloca do Araí, Laureano, chegou a ser intimado para depor na Polícia Militar de Boa Vista, contrariando o Estatuto do Índio, pelo qual os índios são tutelados pela Funai.

O Cimi considerou absurda a atitude de José Carlos Alves, que enviou carta aos índios, através de seu tuxaua (cacique) pedindo-lhes que aceitassem a punição. "Em troca, o delegado da Funai prometeu cobertura e professora para a aldeia" — revelou o Cimi. Porém, a proposta só serviu para deixar o cacique totalmente desmoralizado e criou sérios problemas de liderança entre os macuxi de Araí.

O tuxaua Laureano já procurou a missão de Surumu, que atende os índios da região, pois o fazendeiro José Augusto voltou a ameaçá-lo de morte. Laureano denunciou ao Cimi que José Augusto pretende instalar uma fazenda junto à aldeia Araí e pediu providência da Funai, ao mesmo tempo em que teme nova intimação da PM de Roraima.